

Jornalismo e Política: A cobertura da Folha de S. Paulo sobre a Copa 2014 no Brasil

Rodrigo Nascimento Reis¹

Resumo:

O artigo investiga a ocorrência de uso político da Copa 2014 para fins políticos e econômicos mediante a cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo*. O percurso metodológico inclui pesquisa bibliográfica e análise do conteúdo jornalístico referente às chamadas de capa entre os meses de maio e julho de 2014. Para fundamentação teórica, a pesquisa é guiada pela Teoria da Agenda, McCombs (2009). Entre os resultados, foram encontradas 427 chamadas de capa na *Folha de S. Paulo*. Deste modo, a cobertura jornalística pode ser organizada por categorias: campeonato, organização, questões políticas, protestos e gastos com o evento futebolístico. Verifica-se que a *Folha de S. Paulo* manteve narrativas com interesse em cunhar uma imagem negativa da presidente Dilma Rousseff e favorecer o pré-candidato Aécio Neves.

Palavras-Chave: Jornalismo, Copa 2014, Folha de S. Paulo

Journalism and Politics: The coverage of Folha de S. Paulo of the 2014 World Cup in Brazil

Abstract:

The article investigates the occurrence of political use of the 2014 World Cup for political and economic purposes through the *Folha de S. Paulo* newspaper coverage. The methodological course includes bibliographical research and analysis of journalistic content referring to cover stories between the months of May and July 2014. For theoretical foundation, the research is guided by Agenda-Setting Theory, McCombs (2009). Among the results, 427 cover stories were found in *Folha de S. Paulo*. In this way, the journalistic coverage could be organized by categories: championship, organization, political issues, protests and expenses with the soccer event. *Folha de S. Paulo* has maintained narratives with interest in casting a negative image regarding President Dilma Rousseff and favoring the pre-candidate Aécio Neves.

Keywords: Journalism, 2014 World Cup, Folha de S. Paulo

Artigo recebido em: 16/04/2017

Aceito em: 30/05/2017

¹ Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão, campus de Imperatriz. E-mail: rodrigoreisitz@gmail.com.

Introdução

Do anúncio em 2007 do Mundial no Brasil até a sua execução em 2014, a mídia brasileira agendou a Copa em vários momentos, relatando cada passo para a promoção do evento. A cobertura envolveu principalmente fatos políticos em torno do campeonato, tendo em vista que o acontecimento ‘futebol’ durou apenas 32 dias. As questões políticas permearam a cobertura esportiva antes do evento, principalmente devido às manifestações e às greves ao redor do país em virtude da falta de transparência com o financiamento da Copa, entre outras solicitações do público.

Diante desse cenário, o artigo indaga se o jornal *Folha de S. Paulo* instrumentalizou a Copa do Mundo para defesa de interesses políticos e econômicos. Parte-se do entendimento de que o jornalismo, como observa Gomes (2007), produz informação sobre a atualidade, com capacidade de gerar repercussão no cotidiano e, portanto, constituindo-se em uma instituição social com valores e regras próprias que estabelece relações com outras esferas da sociedade. A principal hipótese é que o jornal associou suas publicações aos interesses eleitorais de determinados políticos em favor de interesses econômicos e políticos do próprio veículo.

O período analisado corresponde aos meses de maio a julho de 2014, porque engloba o contexto pré-evento, início dos jogos e pós-torneio. O material coletado para investigação se refere apenas às notícias com chamada na capa dos veículos. A opção se justifica pelo fato de a Copa ser um assunto transversal, não podendo ser restrito apenas à editoria de Esportes. Assim, as chamadas da primeira página do veículo, além de indicar agendamento, conforme McCombs (2009), permite identificar para quais editorias e enfoques o Mundial será debatido.

A metodologia trabalhada é Análise de Conteúdo (AC) não somente na perspectiva clássica de Bardin (2011), mas de Bauer (2000), Herscovitz (2007) e Chizotti (2008). Assim, aqui neste estudo, a AC é trabalhada de modo híbrido, com uma parte quantitativa e outra qualitativa. A etapa quantitativa seguiu as orientações de categorização, codificação e sistematização dos dados em tabelas e gráficos. As inferências da parte qualitativa precisam ocorrer à luz de determinada teoria, como orientam os autores supracitados. Dessa maneira, a Teoria da Agenda de Shaw e McCombs guia esta etapa.

Jornalismo e Teoria da Agenda

A Teoria da Agenda surgiu da comparação entre o ranking de temas da agenda midiática e a agenda do público. A agenda midiática foi formada por veículos noticiosos: “Este conjunto de veículos incluía cinco jornais locais e nacionais, duas redes de televisão e duas revistas noticiosas” (MCCOMBS, 2009, p. 23). O contexto do con-

fronto de agendas ocorreu em 1968, em Chapel Hill, Carolina do Norte, nos Estados Unidos, e pretendia verificar se os *mass media* influenciam a ‘saliência’ de temas entre eleitores indecisos durante as eleições do ano corrente. “Em outras palavras, a saliência dos cinco temas-chave entre os eleitores indecisos era virtualmente idêntico à saliência destes temas na cobertura das notícias nas semanas recentes” (MCCOMBS, 2009, p. 23). Com esse resultado, o fenômeno do agendamento passou a ser estudado em outras eleições com mais frequência, superou as barreiras geográficas e passou a ser estudado em outras localidades, não se limitando somente a temas políticos.

Vale destacar que a remessa de pesquisas sobre o agendamento continua a crescer e a acrescentar desdobramentos como enquadramentos e interações entre as agendas da mídia e pública. Sousa (2008) analisa a importância que temas ambientais assumiram na agenda pública europeia, avaliando o interesse especificamente dos cidadãos ibéricos. Segundo ele, as preocupações sobre as questões do meio ambiente foram realçadas por conteúdos midiáticos, destacando o papel prioritário do jornalismo. “Na verdade, a pesquisa sobre agendamento mediático tem-se quase circunscrito ao campo jornalístico, reportando-se ao noticiário dos diferentes meios e não a outras formas de comunicação social, como, por exemplo, os programas de entretenimento” (SOUSA, 2008, p. 29). Com base nessa premissa, o autor afirma que, devido à Teoria da Agenda, o Jornalismo tem a responsabilidade de informar rigorosamente os cidadãos, pois estes constroem suas agendas particulares, muitas vezes, com base no debate midiático.

Sousa (2002) destaca que o surgimento da Teoria da Agenda representou, nos Estados Unidos, uma nova perspectiva para efeitos dos meios de comunicação longe do paradigma funcionalista. “Até então, e, sobretudo nos EUA, prevalecia a ideia de que comunicação social não operava diretamente sobre a sociedade, já que a influência pessoal relativizaria, limitaria e mediatizaria esses efeitos” (SOUSA, 2002, p. 159). O autor reafirma que a teoria busca compreender os efeitos a curto prazo dos tópicos, assuntos e fatos abordados pelos veículos noticiosos.

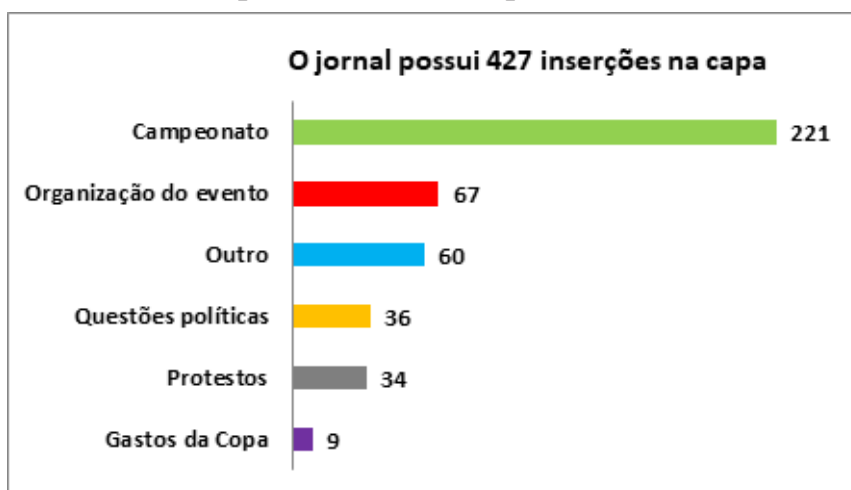
A cobertura jornalística da Folha de S. Paulo sobre a Copa 2014

O levantamento constata 427 chamadas de capa sobre a Copa do Mundo de 2014 na *Folha de S. Paulo* durante maio, junho e julho de 2014. Nesses três meses, foram veiculadas 92 edições, nas quais em apenas 11 não há referências sobre o megaevento na capa. O acúmulo de informações sobre o tema central – Copa 2014 – configura agendamento, pois o assunto está colocado pelo jornal como pauta constante, acompanhando praticamente a própria periodicidade do veículo.

A Copa foi manchete 13 vezes em maio, 14 em junho e 14 em julho, totalizando 41 ocorrências de títulos chamativos no alto da página. Quanto às categorias temá-

ticas, a mais reverenciada foi Campeonato e a menos citada Gastos conforme tabela abaixo:

Gráfico 1 – Principais temas sobre Copa 2014 na *Folha de S. Paulo*



Fonte: O Autor (2017)

Os protestos foram pauta constante antes do início dos jogos com 30 chamadas de capa até o dia 12 de junho e apenas quatro a partir do início da competição. Os atos localizados no Estado de São Paulo foram os mais citados, o que sinaliza que, embora a *Folha de S. Paulo* se proponha a ser um jornal a serviço do Brasil, de âmbito nacional, enfatiza mais questões de “bairro” como atos de vandalismo em São Paulo e a greve dos metroviários, a qual teve três manchetes abordando o início, a manutenção e a suspensão do movimento; enquanto atos que aconteceram em outras cidades, como na Bahia - de caráter preocupante devido aos conflitos entre PM e manifestantes - teve relevância apenas em uma edição. A questão da referência ao Rio de Janeiro para situar a Copa, se repete em manchete sobre a pesquisa Datafolha, a respeito da rejeição aos protestos em que a opinião dos paulistas é evidenciada.

Não apenas os protestos em si foram proeminentes nos títulos, como também as possíveis ameaças advindas de sindicatos. O posicionamento da presidente Dilma em relação aos atos “#nãoovaitercopa” foi pautado de forma considerável pela *Folha*, aqui isto significa dizer que foi percebido pelo jornal a mudança de discurso da presidente após pesquisas internas revelarem o desgaste da imagem do governo devido aos protestos. Nesse sentido, para a *Folha de S. Paulo*, o governo passou a utilizar termos mais ufanistas como “Copa das Copas” e “País do futebol” se desviando do antigo discurso de legados do Mundial. Outra questão governamental em pauta foi a proatividade do governo em atender reivindicações do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST) a fim de neutralizar protestos durante a Copa e possíveis danos à imagem do governo.

Entre as primeiras publicações do jornal sobre os gastos do evento está o finan-

ciamento do BNDES para hotéis que deveriam receber torcedores, jogadores e delegações, mas que não ficariam prontos até o torneio.

Os repasses destinados a projetos que não ficaram prontos a tempo representam 86% dos R\$ 404,4 milhões que o banco público já liberou para ampliar o número de vagas na cidade.

Os financiamentos do BNDES oferecem taxas de juros abaixo das que são cobradas no mercado e condições especiais de pagamento (FOLHA DE S. PAULO, 18.05.2014, p. A13).

A indignação entre as despesas da Copa e a entrega de obras inacabadas ou juros exorbitantes de obras é manchete em duas capas. O Estádio Itaquerão, em São Paulo, é a obra – entre tantas do evento – mais reivindicada pelo jornal, com informações sobre o andamento da construção, valores da proposta inicial e os prováveis juros. Em “Só de juros, arenas da Copa vão custar dois Itaquerões” (edição de 07/07/2014), uma pesquisa encomendada pelo jornal mostra que a soma dos juros da construção de todos os estádios da Copa seria suficiente para construir mais duas arenas para os jogos. A matéria também indica que com a proximidade do fim dos jogos, Estados, empresas e clubes terão de começar a pagar a dívida.

O incomum na cobertura sobre as despesas ocorre na matéria “Copa custa só um mês de gastos com Educação” (edição de 23/05/2014) na qual os investimentos do mundial são amenizados a partir da comparação com as despesas na área da educação. Esta comparação é defendida novamente no editorial “A Copa da Balança” (edição de 24/05/2014) quando o jornal afirma que os gastos com o megaevento são menos significativos do que se imagina, indicando que os protestos são baseados em cálculos simplistas.

Na entrevista intitulada “Gustavo Franco: Copa é exemplo de irresponsabilidade fiscal do governo” (edição 30/06/14), o economista Gustavo Franco, um dos formuladores do plano real, aponta o aumento da dívida do governo federal com a construção de estádios com dinheiro que, segundo ele, na maioria das vezes não ‘existe’, sendo cada estádio um rombo de aproximadamente 1 bilhão de reais. Em geral, as matérias indicam, direta ou indiretamente, que a Copa deixará dívidas para os Estados.

A organização do evento foi pauta constante durante os três meses analisados. Toda a preparação da Fifa e do governo brasileiro para acolher turistas, entregar estádios, organizar local para *Fan Fests*², receber jogadores e outros aspectos típicos da logística do evento foram pautados. Mas também os alertas quanto à desorganização começaram no mês antecedente ao evento. Os transtornos citados na pré-abertura envolveram a locomoção e a segurança dos turistas; as obras incompletas e abandonadas; a burocracia e o imprevisto das cidades que receberam os jogos e as melhorias em aeroportos que não ficaram completas a tempo.

² Locais oficiais da Fifa para transmissão pública de jogos por telões e programação cultural após as partidas.

Parte das manchetes sugere uma contagem regressiva para a realização do evento com foco na desordem do Mundial:

Figura 1 – Manchetes questionam a organização da Copa



Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 10/05/2014; 13/05/2014 e 03/06/2014, capas.

Durante o evento, o jornal noticiou a execução dos transtornos anunciados como o atraso e a desorganização das obras; a segurança do Maracanã que falhou ao não conseguir conter a fúria de torcedores chilenos. Inclusive, para o jornal, essa foi a maior falha de segurança da Copa, embora tenham tido outras, como as contenções mal elaboradas de vandalismo nos arredores de estádios. A pauta sobre a desorganização teve ápice na notícia “Obra inacabada da Copa desaba e mata 1 em BH” (edição de 04/07/2014) que detalhava o caso de uma obra de mobilidade urbana inacabada da Copa - um viaduto - que caiu sobre quatro veículos, deixando um morto em Belo Horizonte.

A tragédia resgatou nos dias posteriores temas como gastos com a Copa, investigações sobre o financiamento do governo, posicionamento da presidente Dilma a respeito do assunto e questionamentos acerca da qualidade da construção civil em pleno período de jogos.

No pós-Copa, a organização foi posta em xeque em função de uma máfia de ingressos que englobou uma empresa associada à Fifa, polemizada por esta ser a única autorizada a comercializar os ingressos. O jornal também publicou editorial sobre avaliação positiva dos turistas a respeito da organização do Mundial, mas indicando que o universo de estrangeiros entrevistados pelo Datafolha não representa o total de turistas no país durante a Copa, assim “a resposta dos entrevistados é sinal inequívoco de que o Brasil passou com folga neste teste: a organização foi bem avaliada por 83% deles” (FOLHA DE S. PAULO, 16/07/2014).

A Copa virou pauta política por vários ângulos. As ocasiões em que a presidente Dilma discursou sobre a Copa foram noticiadas com ênfase pela *Folha* em três momentos. Às vésperas da abertura dos jogos, quando ela foi à TV e à rádio fazer pronunciamento, conclamando o povo a torcer pelo Brasil e a deixar de lado o pessimismo; e um mês depois, após a derrota do time brasileiro, defendendo uma renovação do futebol. E por último, no final do julho, a declaração da presidente a respeito

do pessimismo pré-Copa, “que estaria de volta e afetando a economia”, durante uma sabatina virou manchete no jornal. Vários movimentos e depoimentos da presidente viraram manchetes e destaques de capa, mesmo quando ela não falava do Mundial diretamente como é possível perceber nas chamadas “Dilma corrige tabela do IR e aumenta Bolsa Família” (edição de 01/05/2014) e “Dilma pretende incluir sem-teto no Minha Casa” (edição de 08/06/2014).

A relação de Dilma e o ex-presidente Lula ganhou a capa do jornal durante a cobertura da Copa, quando em um jantar com jornalistas esportivos ela foi questionada sobre o possível relacionamento tenso com o ex-presidente Lula. A matéria “Para Lula, cobrar metrô em estádio é ‘babaquice’” (edição de 17/05/14) deu destaque a um comentário do ex-presidente Lula sobre a ideia de o metrô adentrar no estádio do metrô, o qual ele classificou como desnecessário, considerando ser condição de país de Primeiro Mundo viabilizar a entrada do torcedor, por metrô, direto a arena dos jogos.

Nesse cenário, foi perceptível não nas manchetes em si, mas nos *leads* de capa referências às eleições presidenciais e menções ao segundo colocado na disputa eleitoral, o senador Aécio Neves. Por fim, uma questão diplomática envolvendo Israel e o governo brasileiro: quando este classificou como “desproporcional” a ofensiva israelense contra os palestinos, Israel respondeu caracterizando o Brasil como um país irrelevante e ironizando que desproporcional foi perder de 7 a 1, em alusão à derrota do país para a Alemanha.

As vaias e xingamentos à presidente durante a cerimônia de abertura não teve tanta repercussão – suíte - no jornal. Geralmente, o fato veio acoplado em matérias gerais sobre a cerimônia de abertura e poucos colunistas se dedicaram a analisar a situação. Somente uma matéria trouxe como gancho as vaias durante a abertura do jogo:

Contrariando o discurso público e privado do governo, o ministro Gilberto Carvalho (Secretaria-Geral da Presidência) afirmou nesta quarta-feira (18) que os xingamentos contra Dilma Rousseff na abertura da Copa do Mundo não partiram só “da elite branca”.

Segundo ele, a avaliação de que a gestão petista é corrupta “pegou”, percepção que, partindo das classes alta e média, vem “gotejando” no setor mais pobre da população. “Me permitam, pessoal, no Itaquerão não tinha só elite branca não. Não fui pro jogo, mas tive no Itaquerão, ao lado, numa escola acompanhando as movimentações, fui e voltei de metrô. Não tinha só elite no metrô. Tinha muito moleque gritando palavrão dentro do metrô que não tinha nada a ver com elite branca”, afirmou Carvalho durante encontro com ativistas e blogueiros de esquerda no Palácio do Planalto (FOLHA DE S. PAULO, 19/06/2014, p. A4).

Destaca-se este trecho porque ele apresenta como o depoimento de um ministro é contrário à versão apresentada pelo partido da presidente Dilma. É o interesse do jornal em veicular essa ‘desavença’ no núcleo do governo, pois as vaias e os xin-

gamentos proferidos para a presidente não ganharam outras abordagens, a exemplo de outros jornais que pautaram o dano à imagem brasileira devido as atitudes do público.

A parte esportiva do campeonato apareceu como manchete na matéria “Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vaia a Dilma” (edição de 13/06/2014) com ênfase no primeiro jogo da seleção brasileira, exaltando o caráter esportivo da competição, mas também ressaltando a hostilização à presidente durante a abertura do Mundial. No geral, todos os jogos da seleção foram manchete: contra Croácia, Camarões, Chile, Colômbia, Alemanha e Holanda.

Cada classificação foi comemorada pelo jornal, bem como cada atuação dos jogadores brasileiros e do técnico Felipão tiveram conotações positivas. O pessimismo que já vinha nas capas do jornal em relação à execução do evento tomou conta do futebol a partir do jogo tenso contra o Chile e a saída do atacante Neymar após uma fratura durante partida contra a Colômbia. Ao ser derrotado, por uma diferença de 7 a 1 durante jogo contra a Alemanha, o mesmo sentimento de humilhação e vexame vistos por milhares de brasileiros pela TV, foi transposto para a capa da *Folha* por meio não só da manchete, mas de uma foto com um estádio com luzes apagadas e uma série de intertítulos e chamadas para colunistas tentando entender o que acontecia no momento.

Figura 2 – Capa sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para Alemanha



Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 09/07/2014, capa.

A derrota para a Holanda na disputa pelo terceiro lugar também foi evidenciada por conter os mesmos erros cometidos no jogo anterior e o futuro do técnico Felipão começou a ser indagado pelo jornal. A cobertura esportiva encerra com a vitória da Alemanha contra a Argentina, no Maracanã. Somente esse feito fez o jornal retirar os holofotes do time brasileiro e fazer uma reportagem sobre um time estrangeiro com destaque em sua capa.

As seleções passaram a ser de interesse do jornal nos meses de junho e julho. Dos 32 times envolvidos no campeonato, onze não tiveram evidência na primeira página: Camarões, Austrália, Grécia, Costa do Marfim, Japão, Honduras, Bósnia-Herzegovina, Argélia, Rússia, Coreia do Sul e Equador. As seleções mais referenciadas foram Alemanha, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal e Uruguai.

O técnico da Seleção Brasileira de Futebol, Luiz Felipe Scolari (Felipão), e o atacante Neymar foram as figuras esportivas mais citadas e polemizadas. O primeiro pela responsabilidade técnica de montar a equipe antes do mundial e, em seguida, de articular os jogadores durante o evento. E o jogador por ter sido considerado pela imprensa como “promessa” no mundial, por expor o relacionamento amoroso com a atriz Bruna Marquezine e por ter ficado fora da Copa em função de um “acidente” em campo.

Chama atenção a categoria “Outros” ter um número expressivo de matérias, ficando inclusive em segundo lugar na classificação geral. Porém, é preciso compreender que os assuntos dessa categoria não capacitam a formação de um novo grupo devido a dispersão temática. Exemplificando, em “Outros” encontram-se matérias sobre o álbum de figurinhas da seleção brasileira, os moradores de condomínio que vão estabelecer regras para assistir aos jogos juntos, a infância de astros da seleção, o relacionamento afetivo dos jogadores e principalmente se enquadra nessa parte a visão de mundo de colunistas e personalidades que, usam a Copa para falar de assuntos diversos, experiências pessoais, memórias de outras copas e informações da ordem do entretenimento. Logo após o término do campeonato, a atenção da mídia voltou-se para escolha do novo técnico da seleção brasileira. Desse modo, várias notícias sobre o futuro da seleção foram publicadas em julho, sempre fazendo referência à Copa, motivo que também, fez aumentar o número de matéria em “Outros”.

Quanto aos formatos foram 249 notícias, 21 reportagens, oito entrevistas, três notas, 102 colunas, 17 artigos assinados, 15 editoriais e 12 chamadas de capa para outros produtos além do jornal como revistas e guias entregues junto ao jornal impresso. O elevado número de chamadas para colunas e artigos ocorre porque o jornal convocou vários atores sociais a emitir suas perspectivas sobre o evento. Os mais notáveis foram Tostão, Juca Kfourie e PVC³, logicamente pelo envolvimento com o

3 Tostão é como é conhecido o ex-jogador de futebol nacional e internacional Eduardo Gonçalves de Andrade. Ele é escritor, comentarista, colunista e médico. Juca Kfourie é um dos jornalistas esportivos mais renomados do Brasil. PVC é assinatura de Paulo Vinícius de Mello Coelho, comentarista esportivo.

esporte. Todavia, outros atores da sociedade brasileira e colunistas do próprio jornal de outras editoriais deram sua opinião sobre o evento: Rogério Gentile, Paula Cesarino Costa, Eduardo Scolese, Marcelo Coelho, José Simão, Xico Sá, Ana Estela, Fernanda Torres, Hélio Shwartsman, Jairo Marques, Thales Menezes, Amanda Mota, Antônio Prata, Ferreira Gullar, Mônica Bergamo, Antônio Prata, Sérgio Rangel, Pasquale Cipro Neto, Vinicius Mota, Tati Bernardi, Denise Fraga, Abílio Diniz, Franz Beckenbauer, Marcelo Tas, Mauro Paulino, Alessandro Janoni, Tati Bernardi, Marco Paulino, Eduardo Gianetti, Rogério Van Fasano, Elena Landau, Rosely Sayão, Igor Gielow, Clarice Reichstul, Simon Kuper, Antonio Delfim Neto, Zeca Camargo e Marcelo Parada.

Por ser o maior campeonato mundial de futebol é indiscutível que o tema não seja tratado apenas pela editoria de Esporte. A Copa ganhou “focos”, “ganchos”, “desdobramentos” em todas as editoriais da *Folha*: Mercado, Mundo, Cotidiano, Ilustrada, Poder, Opinião, Entrevista da 2ª, Ciência, Folhinha, Ilustríssima, Comida, Imóveis e cadernos criados como “Especial Seleção dos Sonhos”, “História das Copas”, “Turismo na Copa”. A Guia Folha, Guia Especial Copas, a página do New York Times e a Revista São Paulo também tiveram chamada de capa para suas respectivas edições. Importante destacar que a editoria Esporte, nos meses da competição, foi transformada e passou a se chamar “Copa” com um *layout* diferenciado.

Desse conjunto, além de *Esporte*, as editoriais, respectivamente de *Poder*, *Opinião* e *Mercado* foram as mais interessadas em abordar a Copa. E como se percebe, até as editoriais mais distantes do esporte buscaram afinidade com o evento. Exemplificando, a editoria de *Ciência* trouxe à tona a história de um paraplégico que chutou a bola na abertura do torneio e abordou as pesquisas acerca de uma armadura robótica para fazer com que pessoas com paralisia voltem a andar; a *Ilustrada* evidenciou livros, filmes e músicas sobre a Copa, bem como trouxe pautas sobre fortuna dos atletas, hotéis, músicas e presença dos estrangeiros; a *Imóveis* conquistou uma única chamada de capa no período analisado, dando dicas de como preparar o ambiente (prédio) para receber amigos durante os jogos e a *Folhinha*, para encerrar esta série de exemplos, pautou a infância dos astros da seleção, as figurinhas do álbum do campeonato e, com a derrota trágica do Brasil, trouxe psicólogos para ensinarem aos pais sobre como superar o trauma e a frustração de seus filhos.

O cruzamento entre as categorias Formato Jornalístico e Tema Geral permite fazer inferências sobre o aspecto jornalístico mais utilizado para determinado tema, como pode ser visto a seguir:

Tabela 6: Relação entre Tema Geral e Formato Jornalístico

Formato	Tema Geral						Total
	Protes- tos	Gastos da Copa	Organização do evento	Questões políticas	Campeonato	Outro	
Notícia	22	3	46	20	127	31	249
Reportagem	2	1	6	4	6	2	21
Entrevista	0	1	2	1	3	1	8
Nota	0	0	2	0	1	0	3
Coluna	9	2	6	7	65	13	102
Artigo Assina- do	1	0	0	3	6	7	17
Editorial	0	2	2	1	9	1	15
Outro	0	0	3	0	4	5	12
Total	34	9	67	36	221	60	427

Fonte: O autor (2017)

A notícia perpassa todas as categorias porque o evento gera uma gama de assuntos factuais de cunho urgente a ser abordado. Houve a produção de reportagem em todas as categorias, mas em menor quantidade devido à exigência de profundidade e desdobramentos que o gênero exige. Na cobertura da *Folha* sobre a Copa, as reportagens ocorreram principalmente antes do início dos jogos, com matérias sobre preparativos, recheadas de infográficos, intertítulos e boxes. Na maior parte dos casos, as reportagens foram provenientes da manchete principal, pois a chamada indicava não apenas para uma página, mas para até três páginas sob o mesmo assunto. O balanço das greves em São Paulo e no Brasil; a história dos mundiais até chegar 2014; a análise econômica de todas as obras da Copa e a descrição das possibilidades de turismo no Brasil são exemplos de assuntos das reportagens do jornal.

Foram oito entrevistas nos três meses, os personagens foram: (1) o presidente da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Marcelo Guarany; (2) o ex-técnico da seleção brasileira, Mano Menezes; (3), o ex-jogador da seleção brasileira, Edson Arantes, Pelé; (4) o atleta paraplégico que deu o pontapé inicial simbólico da Copa do Mundo, Juliano Alves Pinto; (5) o economista e um dos formuladores do Plano Real, Gustavo Franco; (6) o jogador da seleção brasileira de 2014, Neymar Júnior; (7) o ministro da Fazenda, Guido Mantega e (8) a presidente do Brasil à época, Dilma Rousseff. Ressalta-se que nem todas as entrevistas foram dadas com exclusividade para *Folha*, e sim retiradas de coletivas de imprensa.

Quanto às notas, foram apenas três. Uma delas carecia de mais investigação, todavia às vésperas da Copa, exatamente no dia 10 de junho de 2014, a informação sobre um vidro de uma obra inacabada que caiu e matou um motociclista em Recife teve poucas linhas e desdobramentos sobre a causa exata do acidente e de quem seria responsabilizado por tal.

Durante o período de três meses houve 102 colunas. Praticamente todos os colunistas da *Folha* trataram a Copa sob ângulos diversos conforme relatado anteriormente. A respeito dos artigos assinados, eles totalizam 17 inserções, sendo que a maioria abordou a Copa sob aspectos que não se enquadram nas categorias propostas pela pesquisa, a exemplo do artigo de Ferreira Gullar intitulado “Faço uma revelação: antes de querer ser poeta, eu quis ser jogador de futebol” (edição de 15/06/2014), no qual o poeta maranhense relata que em função do assunto do momento ser o futebol, iria fazer contar um fato novo da sua vida, relatando, portanto, sua experiência com jogador de futebol no time do Sampaio Corrêa Futebol Clube.

Por fim, foram 15 chamadas para editoriais referentes à Copa. Importante salientar que a *Folha* tem como característica fazer chamada de capa diariamente para o seu editorial independente do tema. Raramente um tema volta ao editorial com pouco intervalo de tempo, o feito é perceptível na Copa. Os títulos, mesmo curtos, sinalizam os enfoques de cada editorial: “Os 23 de Felipão”, “Entre Copa e Carnaval”, “A Copa da Balança”, “Padrão Fifa?”, “Vai ter Copa”, “Sem Triunfalismo”, “Torneio de Surpresas”, “Grandes Esperanças”, “Mundial de Problemas”, “Humor da Copa”, “Sem ele, por Ele”, “Pátria sem chuteiras”, “Hora de virar o jogo”, “Copa do Mundo” e “A seleção gira em falso”. A *Folha* não fez editorial sobre os protestos no período de análise, todavia eles foram problematizados em dois editoriais nos quais o foco eram os gastos com o evento. A organização do evento foi bastante criticada em três editoriais e a categoria “Questões Políticas” foi destaque no editorial “Humor da Copa” (edição de 04/07/2014) a respeito do ânimo nos brasileiros devido ao Mundial que reverbera no aumento das intenções de voto a favor de Dilma Rousseff. Por conseguinte, foram nove editoriais na parte esportiva do evento, avaliando principalmente a atuação da seleção brasileira, com destaque para o acidente com Neymar e a derrota por 7 X 1.

Considerações

A partir da identificação de 427 chamadas de capa na *Folha de S. Paulo* foi possível traçar um panorama da produção que o veículo fez a respeito da Copa do Mundo, no Brasil. Com ancoragem na Teoria do Agendamento, proposta por McCombs (2009), cinco categorias temáticas foram criadas para organizar as chamadas das primeiras páginas dos jornais: Campeonato, Organização, Questões Políticas, Protestos e Gastos com a Copa. A categoria sobre questões políticas objetivou encontrar as notícias em que o gancho jornalístico era a política, embora tratasse do evento esportivo. Diante disso, pode-se afirmar que a *Folha de S. Paulo* publicou 36 matérias relacionando política e Copa.

É importante entender que as questões políticas permeiam toda a cobertura da Copa, mas somente nas ocasiões quantificadas e citadas anteriormente foram o tema

principal da matéria e ocorrências, por exemplo, dos discursos da presidente Dilma Rousseff sobre obras do Governo da qual ela, em determinado momento, faz menção ao torneio.

O mapa descritivo das agendas temáticas permitiu aproximar-se da resposta acerca da pergunta norteadora desta pesquisa: *Folha de S. Paulo* instrumentalizou a Copa do Mundo para a defesa de interesses políticos e econômicos? De antemão, a resposta à pergunta central deste trabalho é afirmativa. Sim, houve instrumentalização da notícia Copa do Mundo em função de interesses privados, sejam políticos ou econômicos, pois as narrativas da *Folha de S. Paulo* caracterizam-se como ação estratégica, tanto por parte dos atores políticos que debatem a Copa por meio das notícias, quanto dos próprios jornais que se posicionam por intermédio de editoriais, colunistas ou inserção camuflada de opinião nas notícias.

Constata-se que a *Folha de S. Paulo*, em meio à cobertura da Copa 2014, teve uma cobertura enviesada para o lado do pré-candidato à Presidência, Aécio Neves, e cunhou uma imagem negativa da presidente Dilma Rousseff, candidata a reeleição. O veículo, por meio de editorial, criticou as promessas da Copa, afirmando que a gestão Dilma Rousseff não cumpriu obras de mobilidade urbana e infraestrutura, utilizando a Copa para “cálculos puramente instrumentais”. Interessante notar que as ideias dos editoriais da *Folha* permeiam a cobertura noticiosa que deveria ser de caráter informativo.

A *Folha* rebateu depoimentos da presidente Dilma Rousseff sobre os legados do Mundial e concordou com depoimentos do pré-candidato Aécio Neves – que criticava o governo federal –, indicando, portanto, inclinação política.

Mesmo quando a noticiabilidade estava centrada na parte esportiva do Mundial, como no caso da cerimônia de abertura da Copa e do primeiro jogo da seleção brasileira, a *Folha* não conseguiu desvincular de suas manchetes as questões políticas. O primeiro jogo da Seleção Brasileira foi noticiado, no mesmo título, com a hostilidade da presidente Dilma, embora internamente os assuntos tenham sido tratados em páginas diferentes. O episódio das vaias na abertura do torneio tornou-se um tópico bastante explorado pelo jornal e utilizado para relacionar a insatisfação e baixa popularidade de Dilma Rousseff. Editoriais, reportagens, notícias e articulistas da *Folha* fizeram esse episódio configurar a primeira página do veículo até o final do torneio.

Por fim, ressalta-se que as notícias sobre a Copa do Mundo de 2014, publicadas no conglomerado de comunicação *Folha de S. Paulo* foram intercaladas com o posicionamento político do jornal que não apoiava o governo da presidente Dilma Rousseff. Nesta perspectiva, a cobertura jornalística foi instrumento para reprovar a organização da Copa, sendo associada à gestão governamental. Além disso, os atores políticos a qual o jornal se identificava politicamente foram mais evidenciados em detrimento de outros.

Referências

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FIFA. Balanço Final para as Ações da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/sobreacopa/balancos>. Acesso em setembro de 2015.

GOMES, Wilson. **Transformação da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

HERSCOVITZ, Heloísa. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda – A mídia e a opinião pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

_____. **A teoria do agendamento e as responsabilidades do jornalista ambiental: uma perspectiva ibérica**. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Portugal: UBI/BOCC, 2008.